LA_SIBRIA DE ELSA MORANTE: UM CASO LITERÁRIO

Patrizia Collina Bastianetto

Narrar, "arte que está em via de extinção"(1), afirmou Walter Benjamin, no estudo sobre o narrador na obra de Nikolai Leskov. Para Benjamin, "narrar é a arte de intercambiar experiências"(2), troca do saber originário da tradição que o marinheiro mercante possuía de trazer as novidades do estrangeiro para sua terra. Ali, o camponês sedentário também contava as histórias e as experiências de sua vida. Mais tarde, na Idade Média, o sistema corporativo contribuiu para a interpenetração desses dois tipos de narradores, enquanto o mestre transmitia o saber do passado, recolhido pelo trabalhador sedentário, e o

aprendiz migrante trazia o saber das terras longínquas. Assim, graças à tradição oral, as estórias se perpetuavam tecidas nas oficinas artesanalmente. Vemos, portanto, o narrador como o artesão, tecedor paciente de estórias retiradas de sua própria experiência, ou daquela relatada pelos outros. Dessa mesma forma, Elsa Morante constrói artesanalmente sua narrativa, à moda antiga, como uma fábula. A personalidade singular da autora, anárquica, ahistórica e refratária à assimilação das áridas características de nossa cultura, contribuiu para conservar-lhe perfeita a extraordinária capacidade de narrar. Essa habilidade narrativa, hoje tão rara, é ressaltada pelo crítico Georg Lukács ao analisar as obras de Elsa Morante na Revista *Rinascita*, de 27 de outubro de 1967, em que cita a autora como "um dos máximos talentos de escritor do século XX, porque atrás da aparência fabulosa de romance, Elsa Morante expressa uma revolta ainda solitária e individual para com todas as formas de alienação e de esclerose social".

Vamos, portanto, mergulhar na narrativa morantiana e deixar-nos encantar por essa Scherazade de nossos tempos, que escreve estórias para consolar as tristes noites de uma civilização alienada e para exorcizar os monstros que a ameaçam.

Elsa Morante, nascida em Roma em 1912, escreve desde criança, compõe fábulas e poesias que publica em revistas infantis. Vasta é sua produção de contos, ensaios e líricas, mas torna-se definitivamente conhecida através de seus romances.

Em 1948 publica "Menzogna e sortilegio" - *Menina*

e_sorfiléggio; em 1957 sai "L'isola di Arturo" - A_ilha_de_Artur; em 1968 "Il Mondo salvato dai regazzini" - O_Mundo_salvo_pelos_lovens. Com esses três romances de acusação contra a civilização corruptora da vida, elaborados em chave lendária, a autora conquista prêmios literários significativos, mas é com La_Sioria, publicado em 1974, que Elsa Morante se afirma junto ao grande público.

Nesse romance, a autora conta a história a contrapelo, a história do vencido a quem dedica a obra como fica evidente desde a epígrafe do livro, um verso de César Vallejo: "por el analfabeto a quien escribo". Somente eles, os analfabetos da civilização, os puros, ainda não contaminados pelos males da História, poderão compartilhar da mensagem de acusação implacável contra o poder e sua violência.

Entre as infinitas tragédias da humanidade, Elsa Morante escolhe para sua denúncia a última guerra mundial. Trata-se, porém, de uma pura convenção temporal, na verdade esse escândalo dura "há dez mil anos".

Cada capítulo é datado e precedido por um relato de acontecimentos históricos. Essa História emoldura, aprisiona e sufoca as histórias particulares. A autora chama essa grande História de "irreal" e a despreza até na composição gráfica do livro, fazendo uso do corpo menor.

A protagonista da obra é Ida Mancuso, uma "mater dolorosa", professora primária, viúva, envelhecida precocemente. Sua característica maior é o medo. Um medo ancestral, pois ser

judia era para Ida um crime intolerável. Em um dia de janeiro de 1941 é violentada por um soldado alemão. Nasce depois Useppe, criança que transforma a realidade e a vida num Paraíso terrestre, superando todas as tragédias como se participasse de uma aventura fantástica. Nos animais e na natureza encontra sempre as respostas a todas as inquietações e nessa sua interação com os animais, sempre humanizados, se perdem os limites da fábula e da realidade.

Todos tentam sobreviver ao desfecho maléfico da História, mas fatalmente acabam morrendo ou se prostituindo. Useppe será vítima da epilepsia e Ida enlouquecerá com o desaparecimento de seu "pischelietto" (o seu pequeno), naquela segunda-feira de junho de 1947 (p.649).

O romance torna-se um amálgama de estórias particulares que se desenvolvem em ritmos diferentes, em humores e tons variados, desde o impessoal da observação objetiva, até os acentos apaixonados e, às vezes furiosos, da polêmica e do protesto. Os momentos de participação no destino da personagem, conferem à língua um mesclado colorido de discurso grave, de língua afetada, literária, culta ou popular, com freqüentes interferências dialetais.

Língua culta, em momentos como: "Essa non sapeva che da quasi tre anni, colui s'era disfatiu nel mare Mediterraneo" (p.212), "Per__Iulio__ll__romanente" (p.151); ou registros populares como nas expressões "è_crenatu" (p.273), "come agli altri pupelli, s'era gonfiata un poco la panciuzza"

(287): ou, ainda, expressões dialetais recorrentes: "A' Usep, ce yòl vení, sull'aeropiano?" (p.402), "la rivoluzione, gli americani nun...la vonno" (p.402), "Useppe, annamo...annamo, annamo!"

Com *La Storia* Elsa Morante agita o mundo literário pois, enquanto o sucesso junto ao público foi imediato e sem reservas, a crítica promove uma barulhenta polêmica. *La Storia* torna-se na Itália "o caso literário do século".

Alguns críticos aclamam o romance. O escritor Carlo Bo (em *L'Europeo* de 01 de agosto de 1974) declara que, lendo *La Storia*, o leitor "parece desembarcar num novo continente, não somente porque a autora devolveu vitalidade à árvore seca do romance tradicional, mas, também, e sobretudo, porque conseguiu fazer poesia a partir daqueles temas que pareciam banidos há décadas". Piero Dallamano (em *Paese Sera* de 05 de agosto de 1974), realça o absoluto anticonformismo da narrativa morantiana e o tom profético que reveste cada acontecimento.

Outras críticas são menos favoráveis, entre as quais a de Pier Paolo Pasolini, que, apesar de sentir a tensão narrativa contida na obra, expressa algumas reservas em relação ao tom didático e pregador sempre presente, mas que, acrescentamos, resgata a lição benjaminiana de que "a verdadeira narrativa tem sempre em si uma dimensão utilitária que pode consistir num ensinamento moral ou numa norma de vida"(3).

Pier Paolo Pasolini em sua crítica, salienta também

insuficiências de soluções lingüísticas e filológicas, sobretudo quando a autora adota expressões dialetais, Pasolini sugere pois um desbaste e um polimento estilístico (4). Polir é limpar, mas se há "sujeira" lingüística no texto, ela está a serviço da denúncia da "sujeira" da História, pois menosprezar intencionalmente o discurso literário oficial é, no caso, uma forma de atingir, degradando, a História do vencedor. Pasolini parece esquecer-se de que o registro dialetal, (que ele próprio utiliza em suas poesias), repellido pelos cânones lingüísticos literários, são os fios perdidos da narrativa oral, tecida através dos séculos pelos artesãos da palavra. O uso do dialeto significa, pois, resgatar das "ruínas" uma língua vencida e sufocada, à qual La Sicilia procura dar voz e vez.

Entremos, pois, no ritmo dessa narrativa à moda antiga, com andamento popular e oralizante como uma fábula. O trecho escolhido é o que descreve a fuga noturna de Ida e dos filhos para um refúgio anti-aéreo:

"Nino, Ueseppe e Blitz - invero, tre corpi e un'anima - volavano giu per le scale: distanziando Ida, che veniva dietro sola, e brontolante, con la borsa stretta al petto. Frattanto, dalle altre porte e per il cortile, tutte le famiglie, in camicia, in sottabito, coi pupetti in braccio, e strascicando le valige per le scale, andavano correndo verso i rifugi. E sopra le loro voci, dall'alta lontananza, già si avvicinavano i boati della flotta aerea, con un séguito di spari e di lampi e di scoppi, pari a un bengala formidabile. Si sentivano, d'intorno, le famiglie chiamarsi. Qualche ragazzino si perdeva. Qualcuno, atterrito, correndo inciampava o cadeva. Certe donne

urlavano. E Nino rideva a questa paura universale, come a una grande scena comica: accompagnato, in un coro, dall'ilarità Ingenua di Usepe e di Blitz". (p.163)

A crítica Luisella Flume analisa o romance pela perspectiva feminina do vencido, considerando-o "anti-mulher" e "machista", pois, no texto, os homens, na sua maioria são vibrantes e luminosos e as mulheres opacas e inconsistentes. Luisella Flume investiga até onde a escritora Elsa se identifica com a mulher Ida Mancuso e propõe um inquietante liame(5). Entendemos, contudo, que a escritora se coloca acima da polémica homem-mulher, já que congrega todos os seres na trágica dimensão daqueles que são obrigados a sucumbir à História.

A vitalidade dos assensos e dissensos da crítica revela certamente a presença de um livro vivo: porque apresenta acontecimentos e personagens descritos com imensa paixão humana; estimulante: porque coloca em questão tudo aquilo que envolve cada um de nós.

Trata-se de um ato temerário de auto-confiança na arte de escrever, a que Elsa Morante se entrega, na defesa apaixonada do vencido nos (des)caminhos da História:... "imponderável num mundo de pesos... .. imensurável num mundo de medidas..."(Marina Cvetaeva).

NOTAS

1. BENJAMIN, W. Magia e Técnica. Arte e Política. São Paulo, Brasiliense, 1987. p. 197.
2. BENJAMIN, W. op. cit. p. 198.
3. BENJAMIN, W. op. cit. p. 200.
4. Tempo de 25 de julho de 1974 e 01 de agosto de 1974 em SGORLON, C. Elsa Morante - p. 143
5. BRIA, C. - Elsa Morante. Roma, ed. Ciranna, 1976 - p. 184.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- SGORLON, Carlos. Invito alla lettura di Elsa Morante. Milano, Mursia Editore, 1978.
- VENTURI, Gianni. Elsa Morante. Firenze, La Nuova Italia, n. 130-ottobre 1977.
- BRIA, Camillo. Elsa Morante. Roma, Ed. Ciranna, 1976.
- BENJAMIN, Walter. Magia e Técnica. Arte e Política. São Paulo, Ed. Brasiliense S.A., 1987, p. 197 a 203.
- MORANTE, Elsa. La Storia. Torino, Einaudi Editore, 1974.